

E t n o e c o l o g i a



- Temas:
- Apresentação da disciplina.
- Introdução à ecologia aplicada à investigação etnoecológica.
- Concepções antropológicas das relações entre cultura e natureza (1).
- Concepções antropológicas das relações entre cultura e natureza (2).

Antônio Ruas:
Professor Universitário –
UERGS, Bacharelado em
Gestão Ambiental
(docente regular);
Administração dos
Serviços e Sistemas de
Saúde (docente
colaborador).

1. Objetivos e ementa

➤ Ementa:

- A ecologia como ciência na investigação das relações das sociedades humanas com a natureza. As concepções antropológicas da relação cultura e natureza. A sociologia ambiental e os movimentos das sociedades e a relação com os impactos ambientais. Os significados culturais dos recursos naturais. Investigações em etnozootologia e etnobotânica. O conhecimento tradicional e os direitos das populações tradicionais. A gestão de conflitos culturais. A apropriação tecnológica não conflitiva do conhecimento tradicional sobre os recursos tradicionais. Metodologia etnoecológica.



1. Objetivos e ementa

➤ Objetivos:

- Possibilitar o conhecimento sobre o uso da ecologia para investigação etnoecológica. Conhecer as concepções antropológicas das relações entre cultura e natureza, os movimentos sociais e os impactos ambientais sob os enfoques da sociologia ambiental, os significados culturais dos recursos naturais, as possibilidades de investigação em etnozootologia e etnobotânica. Apropriar-se de informações sobre o direito das populações tradicionais ao seu próprio conhecimento tradicional. Apropriar-se de conhecimentos sobre a gestão de conflitos culturais. Conhecer as possibilidades de apropriação tecnológica não conflitiva do conhecimento tradicional e da metodologia etnoecológica.



- **Referências Bibliográficas Básicas:**

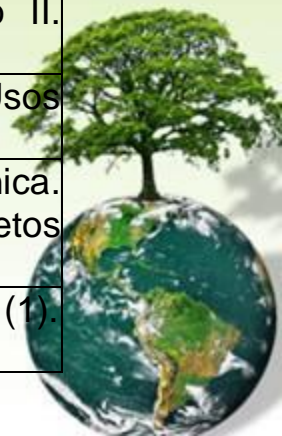
- ALBUQUERQUE, U. P. de (Orgs.). *et al.* **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NUPEEA, 2006. v. 1.
- CASTRO, E. V. de. O nativo relativo. MANA, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9643.pdf>>.
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DESCOLA, P. Masalla de la Naturaleza y la cultura. Revista Etnografias Contemporâneas, Buenos Aires, v. 1, n. 1, 2005.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. rev. ampl. Hucitec, 2008. (Ecologia e cultura, 1).
- FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo. 2. ed. Editora 34, 2009. (coleção trans).



3. Cronograma

Cronograma/Conteúdo Programático:

Data	Nº da Aula	Assunto
09/3	1-2	Apresentação da disciplina. Introdução à ecologia aplicada à investigação etnoecológica. Concepções antropológicas das relações entre cultura e natureza (1). Vídeos motivadores.
16/3	3-4	EAD: Concepções antropológicas das relações entre cultura e natureza (2).
23/3	5-6	Significados culturais dos recursos naturais (1 e 2). Estudo de caso: pesquisa etnoecológica e concepção antropológica (1 e 2).
30/3	-	Ponto Facultativo.
06/4	7-8	Apresentação do trabalho introdutório. Avaliação I: entrega do trabalho introdutório e defesa do tema do seminário.
13/4	9-10	Movimentos sociais e impactos ambientais nos estudos da sociologia ambiental (1). Gestão de conflitos culturais. Estudo de caso: impactos socioambientais.
20/4	11-12	Apresentação de trabalho sobre impactos socioambientais. Avaliação II. Entrega do trabalho em resenha.
27/4	13-14	Direitos das populações tradicionais sobre o seu conhecimento. Usos tecnológicos não conflitivos do conhecimento tradicional.
04/5	15-16	Metodologia etnoecológica. Investigações em entnozologia e etnobotânica. Preparação de trabalho em resenha e apresenção em seminário sobre projetos em etnoecologia e uso de indicadores.
11/5	17-18	Avaliação III. Seminários com resenha de trabalho e apresentação (1). Recuperações e avaliação da disciplina.



4. Avaliações

Metodologia do Ensino:

Desenvolvida com aulas expositivas construtivas para a integração dos temas abordados nos enfoques culturais e ecológicos. A complementação do conteúdo das aulas presenciais será elaborada com estudos de casos para discussão em aula e entrega de resenhas. Também haverá trabalho em grupo para preparação de seminário com temas da disciplina. Está facultado o acesso dos alunos a materiais de aula no sítio <http://professor-ruas.yolasite.com/>. As atividades de campo são complementares e facultativas, dependentes de condições de deslocamento.



4. Avaliações

Critérios de Avaliação:

A média resulta da série de três avaliações de pesos distintos.

A primeira avaliação consiste da preparação e apresentação de resumo em aula de um trabalho referente à interpretação de pesquisa em Etnoecologia, solicitado em aula e uma definição de tema para seminário. O peso desta avaliação é igual a 2,0 e pode ser desenvolvida em grupo. A segunda avaliação consiste em análise de um trabalho de pesquisa publicado e elaboração de um pré-projeto em Etnoecologia com base nesta análise. Os temas serão conflitos socioambientais e identidade cultural e conhecimento tradicional, considerando-se o uso e interpretação de indicadores etnoecológicos. Esta avaliação tem peso 4,0 e pode ser desenvolvida em grupo. A terceira avaliação consiste na apresentação do trabalho anterior na forma de seminário sobre pesquisa etnoecológica, com peso igual a 4,0. Ocorrerá uma recuperação na forma de exame final para os alunos que não alcançarem média seis. A avaliação final segue a Resolução 07/3003 – UERGS.



5. Etnoecologia

- Vídeo sobre temas da Etnoecologia.
- Origem: Conklin (1954), na obra sobre os Hanunoo das Filipinas.
-
- Johnson (1974): “...um enfoque da Ecologia Humana centrado na Etnociência...”
- Marques (1995): “...estudo das interações entre a humanidade e o resto da ecosfera, através da busca da compressão dos sentimentos, comportamentos, conhecimentos e crenças a respeito da natureza...” Sua ênfase deve ser na diversidade biocultural e a integração entre o conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento ecológico científico...”



5. Etnoecologia

- Marques (2001): “...campo transdisciplinar sobre pensamentos, sentimentos e comportamentos que intermedeiam as interações entre as populações humana que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes...”
- Posey e outros autores denominaram de Etnobiologia os estudos destinados a descobrir e valorizar o conhecimento tradicional da natureza, estabelecendo linhas de superposição entre estes e o conhecimento científico. Subsequentemente a Etnobiologia distribuiu-se conform o grande grupo enfatizado, Etnozoologia, Etnobotânica, etc.



5. Etnoecologia

- Uma definição de *etnobiologia* é feita por Posey (1987):
- [...] a etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo.



5. Etnoecologia

- A diferença entre Etnobiologia e Etnoecologia é sutil e atualmente reside mais na ênfase em tipologias e classificações da primeira, enquanto a segunda enfatiza a valorização da Etnociência e dos seus detentores.



6. Etnoecologia e Antropologia

- As escolas da Antropologia que têm ênfase na Ecologia tem muitos pontos em comum com a Etnoecologia. A ênfase no entanto é no conhecimento das culturas, suas origens e diversidades e no sentido de como a natureza molda as culturas.



7. Etnoecologia e as relações com a natureza: ativismo e ciência.

- *Dizer que a vida psíquica e intelectual do homem está indissoluvelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza está indissoluvelmente ligada com ela mesma, pois o homem é uma parte da natureza” Marx, Manuscritos de 1844.*
-
- *“Chegamos num ponto em que temos que ensinar nossos estudantes aquilo que ninguém sabia ontem e preparar as nossas escolas para aquilo que ninguém sabe ainda” Margareth Mead*
- **A questão é ambiental ou ecológica?**





7. Do ambiente ao ambientalismo, da Ecologia ao Ecologismo

- **Ambientalismo:** precisamos “proteger” o ambiente , ou viver nele?
- Origem do ambientalismo a preocupação com cidades poluídas (Europa, Inglaterra do século XIX).
- Mas nos EUA, a ideia era do “retorno” à natureza, do paraíso saudável, das ilhas naturais intocáveis de Thoreau e Muir. Logo reforçou a expulsão das populações indígenas dos parques e reservas criados e não impediu a redução dos grandes biomas.



Ecologia, ecologismo, ecologismo político

-
- **O ecologismo vem de Ecologia:**
- O termo Ecologia foi criado por Ernst Haeckel em 1866, como o estudo biológico integrado, baseada na evolução.
- Haeckel acertou na integralidade das relações no planeta e errou quando assumiu o darwinismo social, preâmbulo do fascismo e do nazismo.
- A noção de pertencimento de todas as espécies, inclusive a humana aos ecossistemas é a Ecologia.



Ecologia, ecologismo, ecologismo político

- **Ecologismo ou Ecologia?:**
-
- O Ecologismo é o ativismo, a organização para atuar ecologicamente. A separação entre sociedades e meio ambiente não existe. O ecologismo tem uma vertente social e política.
- Política também faz parte do Ecologismo!



Desastres ambientais “inevitáveis”.

- **Intoxicações em massa** devido a venenos agrícolas, pesticidas gerais e falácia dos transgênicos.
- **O aquecimento global:** as emissões de gases do efeito estufa em grande escala, Acordos no cenário capitalista como o das conferências climáticas não levam a redução das emissões, que podem chegar a 700 ppm, elevando a temperatura em até 7,5 °C até 2100 e subindo o nível do mar em 5 – 10 m, graças ao degelo. A exposição de camadas de metano agravaria irreversivelmente a situação.
- **Enxurradas e deslizamentos;**
- **Desaparecimento das grandes florestas e dos grandes biomas;**
- **Desaparecimento de culturas: o etnocídio e o genocídio.**





MAY 2008

Am I Not Human?



- 8. Descollá: a separação histórica e cultural entre cultura e natureza se reflete na hierarquia das ciencias.
- No capítulo “Mas allá de la naturaleza y de la cultura” de Phillip Descollá (Cultura y Naturaleza), o autor inicia com uma analogía da superioridade das “ciencias da natureza” vistas num museu e na vida real, com as metodologías classificatórias e quantitativas sobre os estudos culturais mais simbólicos.
- O autor reflete o **etnocentrismo** deste enfoque da antropología e questiona as suas origens.
- O museu é o de Historia Natural de la ciudad de La Plata, capital de la provincia de Buenos Aires. “Oferece una excelente imagen del mundo tal como lo hemos concebido durante largo tempo” ...



8.1 Descollá e as cosmologias das sociedades atuais e relação cultura - natureza

- 1.1 Animismo, totemismo e naturalismo.
- A distinção entre Natureza e Cultura nas várias para a Antropologia (autores como Descola e outros) passa por vários estados e é complexa em alguns casos. As classificações mais conhecidas, chamadas de cosmologias são:
 - 1.1.1 Naturalismo.
 - O naturalismo é a separação entre a cultura humana e a natureza, em especial os outros animais, tratados como distintos. É uma essência de uma cultura europeia e religiosa moralista.



- As cosmologias das sociedades atuais e relação cultura - natureza

- 1.1.2 Animismo.

- No animismo a natureza é integrada à cultura e os animais são tratados como parte do mundo simbólico. Viveiros de Castro é um autor que denomina o animismo indígena americano de perspectivismo, onde os animais vêem os humanos da mesma forma que nós. O xamanismo é uma consequência do animismo e representa a distinção entre indivíduos que cruzam as barreiras dos mundos, os xamãs.



- As cosmologias das sociedades atuais e relação cultura - natureza

- 1.1.3 Totemismo.

- No totemismo, característico de vários povos indígenas como os aborígenes, os indivíduos são ligados a tótems, que representa a complementaridade da identidade de seu grupo. Haveria uma relação mitológica de complementaridade entre humanos e não-humanos, além de uma semelhança tanto física como de interioridade entre o indivíduo e o seu totem. No totemismo, para completar, como a origem do indivíduo está ligada a objetos, plantas e animais característicos de um determinado lugar, sua identidade já não se distingue do território.



- As cosmologias das sociedades atuais e relação cultura - natureza

- 1.1.4 Analogismo.

- Para Descollá, o analogismo seria uma cosmologia intermediária entre o naturalismo e o animismo, na qual algumas explicações importantes culturalmente são obtidas da natureza não humana. Uma prática derivada do analogismo seria a astrologia. Outro caso, as explicações médicas a partir de fenômenos naturais.



- 9. Filósofos e ecofilosofias: O pensamento ecológico de Timothy Morton e Edgard Morin.

- Timothy Morton é um teórico moderno que escreveu o Pensamento Ecológico, livro sobre a “rede” ecológica que une tudo e todos.
- Para Morton, separar a natureza das atividades humanas é um grave equívoco que aumenta a crise ecológica.



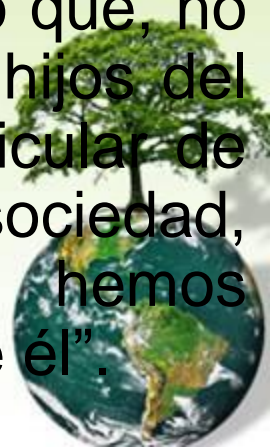
9. Filósofos e ecofilosofias: O pensamento ecológico de Timothy Morton e Edgard Morin.

- Para Morin, o olhar ecológico consiste em distinguir todo o fenômeno autônomo (auto-organizador, produtor, determinado, etc.) na sua relação com o meio. Este meio é o ecossistema.
- O ambiente social é uma socio-organização na qual se esboça a dimensão eco-organizadora. Para o indivíduo é o seu ecossistema (meio urbano, rural, inter-retroações).
- Debate: como a concepção de Morin se relaciona com a cultura?
- Morin ainda detalha a concepção de outro autor, Amos Hawley: “as interações entre classes, grupos, etc., são similares às interações entre as espécies ...”



9. Filósofos e ecofilosofias: O pensamento ecológico de Timothy Morton e Edgard Morin.

- Outra idéia de Morin: “Toda a sociedade comporta a sua própria dimensão ecológica. Toda a vida humana comporta a sua eco-inscrição e a sua ecodeterminação. Toda a vida humana é simultaneamente eco-sócio-autodeterminada.
- “He aquí, pues, un principio fundamental del pensamiento ecologizado: no sólo no se puede separar un ser autónomo (*Autos*) de su hábitat cosmo-físico y biológico (*Oikos*), sino que también es necesario pensar que *Oikos* está en *Autos* sin que por ello *Autos* deje de ser autónomo y, en lo que concierne al hombre, éste es relativamente extranjero en un mundo que, no obstante, es el suyo. En efecto, somos íntegramente hijos del cosmos. Pero, por la evolución, por el desarrollo particular de nuestro cerebro, por el lenguaje, por la cultura, por la sociedad, hemos llegado a ser extraños al cosmos, nos hemos distanciado de este cosmos y nos hemos marginado de él”.



10. Antropologia e natureza: as correntes principais

- Uma outra forma de avaliarmos a relação das ciências, ou das correntes acadêmicas com a natureza é através das contribuições da Antropologia, a ciência dos estudos culturais.
- Vamos nos valer de Antônio Carlos Diegues, nos capítulos sobre antropologia e natureza do livro “O mito moderno da natureza intocada”.
- Diegues situa primeiro o Determinismo Ambiental ou Geográfico de Friederich Ratzel (século XIX). Ratzel ficou conhecido pelas conclusões determinísticas sobre a cultura ser um resultado das condições geográficas. Isto levou à defesa posterior do do colonialismo e do darwinismo social.



10. Antropologia e natureza: as correntes principais

➤ Ratzel e outros evolucionistas culturais foram desconstruídos pelos trabalhos de Franz Boas, criador da corrente difusionista e da compreensão histórica das culturas.

➤ A **Ecologia Cultural** segundo Diegues foi criada por James Steward e centrava-se na ideia de que os recursos ambientais condicionam a tecnologia e afetam a cultura.

➤ A EC tem muito do funcionalismo radical de Malinowsky (Argonautas do Pacífico Sul) segundo o qual as culturas são sempre adaptativas, funcionais e, portanto eco-determinadas.

➤ A EC no entanto não desenvolve muito o conceito de ecossistema, centrando-se mais nos processos de ajustes básicos através dos quais as pessoas usam o meio ambiente.



• 10. Antropologia e natureza: as correntes principais

- Certos aspectos da cultura são mais suscetíveis de relação com o ambiente. Por exemplo, atividades econômicas de subsistência, tecnologia, organização social (núcleo central da cultura) e são responsáveis pelas repostas adaptativas do homem ao meio. Inclui produção, troca, comercialização, tudo adaptativo.
- A linha da EC recebeu críticas dos próprios eco-antropólogos, por não contemplar elementos ritualísticos, simbólicos e não desenvolver a questão do ecossistema, o que vai aparecer na Antropologia Ecológica, com Rappaport e seguidores.



10. Antropologia e natureza: as correntes principais

-
-
- A Antropologia Ecológica também é considerada funcionalista, para alguns neofuncionalista.
- A relação ecológica na AE é total, ao contrário da anterior. Parte do ecossistema onde os grupos humanos e suas sociedades habitam. O pertencimento ecológico é claro nesta linha.
- Os estudos culturais devem concentrar-se nas relações ecológicas dos recursos e como isto influencia a cultura. O expoente é Rapaport, autor de Pigs for Ancestors.
- A AE tem seguidores na Sociologia Ambiental radical de Catton e outros eco-sociólogos que desenvolveram a concepção eco-catastrofista.



• 11. A Sociologia Ambiental: primórdios

- Segundo um dos expoentes da Sociologia Ambiental, Frederic Buttel, a Sociologia Ambiental originou-se dos estudos sociológicos rurais, com o nome de Sociologia Rural. Os primeiros estudos abordavam a partir da década de 1950, a relação a relação das sociedades e comunidades com os recursos naturais.
- A Sociologia Rural trabalhava muito com as comunidades rurais, com pescadores e extrativistas (*Rural Sociology*, 1996, vol 61(1), pp. 56-75).
- A Sociologia Rural aproximou-se da questão do uso e adaptação aos recursos naturais, objeto da Ecologia Humana, um ramo pró-funcionalista da Ecologia. Além disto, outras linhas da Sociologia passaram a estudar os movimentos políticos pró-conservacionismo dos recursos. Esta amálgama é a origem da Sociologia Ambiental.



6. A Sociologia Ambiental: os eco-sociólogos.

➤ A Sociologia Ambiental seguiu diferentes visões, sobre o componente “eco” da sociedade. Uma das mais conhecidas é o neo-malthusianismo representado por Garret Hardin (1968) observável no seu trabalho “A tragédia dos commons”, no qual advoga um controle rígido da natalidade e o confisco (pelo estado) de bens comuns para serem preservados. Hardin é conhecido na Ecologia Humana.



6. A Sociologia Ambiental: os eco-sociólogos.

➤ Outra vertente, mais recente é representada pelo eco-marxista Allan Schnaiberg que recoloca a questão da degradação ambiental fora do malthusianismo, mas na ordem econômica capitalista. A sua teoria mais famosa é “treadmill” da economia, ou da esteira da degradação: quanto mais capital acumulado, mais degradado ficará:

➤ Por exemplo: nas grandes florestas as sociedades harmonicas com a natureza são afastadas e nas áreas inicia-se o processo de degradação.



6. A Sociologia Ambiental: os eco-sociólogos.



- A vertente mais ecológica da Sociologia Ambiental é representada por Willam Catton.
- Catton centra o seu trabalho no pertencimento ecológico e na necessidade da questão ecológica ser central no planeamento das sociedades, acima dos outros níveis.
- Catton é bem conhecido pelos livros Overshoot e Bottleneck, nos quais aprofunda uma visão catastrofista para humanidade que organiza-se acima da capacidade regenerativa do planeta. Esta visão se aproxima da concepção da “Sociedade de Riscos de Ulrich Beck, também catastrofista, mas que tem uma linha reformista, conforme veremos.



6. A Sociologia Ambiental: os eco-sociólogos.

- Para entendermos melhor, Cattona e seguidores descontrolam primeiro a ideia do “Paradigma do Excepcionalismo Humano” – HEP vigente na década de 1970: as atividades humanas devem ser analisadas pela cultura e sociedades próprias, não seguem regras ecológicas.
- Catton contrapôs um outro paradigma: Novo Paradigma Ecológico – NEP, o do pertencimento da espécie humana, da mesma forma que as outras espécies.



7. A Sociologia Ambiental: a sociedade de risco.

➤ Beck e Giddens são conhecidos pela linha na Sociologia geral e ambiental conhecida como modernidade reflexivista: as sociedades modernas aprendem com os riscos e aprimoram-se. Um destes riscos é o aquecimento global. Especialmente Beck apresenta-se como um crítico à passividade frente aos eco-problemas e eco-desastres e é uma referência nos estudos de saúde e ambiente.

➤ No livro mais famoso, “A Sociedade de Risco”, Beck declara que há uma lógica na distribuição de riqueza e riscos.



7. A Sociologia Ambiental: a sociedade de risco.

- Para Beck, na atual fase de modernidade tardia, a produção social de riqueza é acompanhada da produção social de riscos.
- Modernização significa o salto tecnológico de racionalização e transformação do trabalho e organização.
- A reboque das forças produtivas crescentes no processo de modernização, são desencadeados riscos numa medida desconhecida.
- Convergem as situações e conflitos sociais de uma sociedade que distribui riqueza com os de uma sociedade que distribui riscos.



7. A Sociologia Ambiental: a sociedade de risco.

- A arquitetura social e dinâmica política desta ameaça civilizatória pode ser explicada em 5 pontos:
- i) Riscos produzidos no estágio avançado de desenvolvimento das forças produtivas diferenciam-se das riquezas. Provocam danos irreversíveis, permanecem invisíveis, baseiam-se em interpretações, apresentam-se no conhecimento científico ou leigo, estão abertos a processos sociais de definição.
- ii) Com a distribuição e incremento dos riscos surgem situações sociais de ameaça. Inicialmente seguem a lógica da sociedade de classe, acumulando-se nos patamares de baixo. Após, ocorre o efeito bumerangue, alcançando aqueles que os produziram, invertendo a lógica de classes.



7. A Sociologia Ambiental: a sociedade de risco.

- iii) Mantém-se a lógica capitalista porque os riscos são colocados no mercado. Representam necessidades sem fundo.
- iv) Ao contrário das riquezas que podem ser possuídas, os riscos afetam e são atribuídos. A consciência de classe é determinada pela existência, mas nas ameaças, a consciência determina a existência. O potencial político tem que ser analisado numa sociologia do surgimento e disseminação do conhecimento sobre os riscos.
- V) O reconhecimento social dos riscos torna o que era apolítico em político, viabilizado no “combate às causas”. Isto gera modificações industriais e modificações no mercado. Disputa-se o efeito direto e os efeitos colaterais resultantes. Estabelece-se um potencial político das catástrofes. Sua prevenção e manejo podem acabar envolvendo uma reorganização do poder e responsabilidade. A sociedade de riscos é catastrófica. O estado de exceção ameaça converter-se em normalidade.



- Exercício motivador.
- Em grupos: escolher um trabalho publicado na temática da Etnoecologia.
- Analisar o trabalho segundo as questões norteadoras:
 - i) Local do estudo;
 - ii) População envolvida;
 - iii) Relação desta população/comunidade com os recursos naturais que está sendo investigada;
 - iv) Grupo ecológico enfatizado (plantas, animais, grupos, etc.);
 - v) Caracterização como Etnoecologia, Etnobotânica ou Etnozoologia;
 - vi) Pressuposto inicial sobre o conhecimento local/tradicional ou Etnociência da população/comunidade estudada;
 - vii) Resumo da metodologia e resultados.

